

Artigos de Revisão

Corporalidade: possibilidade de um conceito a partir de uma revisão narrativa

Corporality: possibility of a concept from a narrative review

Corporalidad: posibilidad de un concepto desde una revisión narrativa



Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil
e-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br



Carlos Herold Junior

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil
e-mail: chjunior@uem.br



Patrícia do Socorro Chaves de Araújo

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil
e-mail: patricia.daraujo@uepa.br



Tereza Luiza de França

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
e-mail: tereza.franca@ufpe.br

Resumo: Os conceitos de corporalidade e corporeidade têm sido empregados por autores de modo tanto a sinalizar diferenças quanto sinônimos. O objetivo deste artigo é, pois, analisar a perspectiva epistemológica do conceito de corporalidade em textos da Educação Física brasileira publicados entre 2000 e 2020. Este é um trabalho qualitativo que assume os princípios metodológicos de uma revisão narrativa. Os resultados demonstram que autores da Educação Física tendem a usar esse conceito acionando noções que indiciam a presença do marxismo, embora tenham sido identificadas outras matrizes epistemológicas. Desse modo, conclui-se que o conceito corporalidade pode ser adotado no âmbito do ma-

terialismo dialético na educação física brasileira, apesar de sugerir novos estudos.

Palavras-chave: Materialismo Dialético. Epistemologia. Educação Física.

Abstract: The concepts corporality and corporeity have been used by authors in ways that both signal differences and synonyms. This paper aims to analyze the epistemological perspective of the concept of corporality in Brazilian physical education texts published between 2000 and 2020. This is a qualitative work that assumes the methodological principles of a narrative review. The results demonstrate that physical education authors tend to use this concept, activating notions that indicate the presence of Marxism, although other epistemological matrices have been identified. Thus, it is concluded that the concept of corporality can be adopted within the scope of dialectical materialism in Brazilian physical education despite suggesting new studies.

Keywords: Dialectical Materialism. Epistemology. Physical education.

Resumen: Los conceptos de corporalidad y corporeidad han sido utilizados por los autores de maneras que señalan diferencias y sinónimos. El objetivo de este artículo es analizar la perspectiva epistemológica del concepto de corporalidad en los textos brasileños de educación física publicados entre 2000 y 2020. Se trata de un trabajo cualitativo que asume los principios metodológicos de una revisión narrativa. Los resultados demuestran que los autores de educación física tienden a utilizar este concepto, activando nociones que indican la presencia del marxismo, aunque se han identificado otras matrices epistemológicas. Así, se concluye que el concepto de corporalidad puede ser adoptado en el ámbito del materialismo dialéctico en la educación física brasileña a pesar de sugerir nuevos estudios.

Palabras clave: Materialismo dialéctico. Epistemología. Educación Física.

Submetido em: 30/10/2023

Aceito em: 25/01/2024

1. Introdução

Desde meados dos anos de 1980, as discussões sobre o corpo na Educação Física ganharam estofa a partir de variadas perspectivas oriundas das ciências humanas, da filosofia e das artes. Nelas, o corpo é retomado com novos significados, levantados, analisados e criticados como construtos socioculturais e filosóficos, avançando para além da consideração que o reduzia apenas a um elemento material da vida humana.

Nesse empenho de apresentar novas concepções para esse campo acadêmico e científico (Bourdieu, 1983), o desafio é escapar da rápida constatação de que, em várias situações, as palavras parecem não ser suficientes para expressar ideias distintas e mais nuançadas, como aqui é o caso do corpo. Na história da filosofia, das artes, da sociologia e de outras ciências mais próximas das humanidades, ao longo do tempo, analisar e manifestar compreensões sobre o corpo seguiram numerosos caminhos, plenos de potencialidade, embora não livres de hesitações e ambiguidades.

Alguns pesquisadores já demonstraram essas diferentes compreensões de corpo, entre eles Gonçalves (1994), Santin (2003), Zoboli (2012), assim como muitas outras pesquisas. Citando um dos pontos que mais estimularam estas reflexões, são trazidas as reflexões de Zoboli (2012) sobre a cisão entre corpo e mente. Zoboli (2012) lembra que essa cisão foi e tem sido alvo de muita atenção na história da filosofia desde Platão (2005). O pensador ateniense é reconhecido como aquele que definiu de modo explícito a ideia de ser o corpo uma prisão da alma, impedindo-a de alcançar o pleno mundo das ideias, assumido como “o” local da felicidade e da verdade.

Além das análises sobre o corpo, em uma outra esteira do conhecimento, vários autores usaram outros termos para tentar demonstrar a unidade entre a dimensão material da vida humana – o corpo – e a sua dimensão imaterial – a alma, a consciência, o espírito, a psiquê, a razão – ou ainda outros termos e conceitos que foram gestados nos desdobramentos filosóficos ocidentais.

Um dos termos utilizados para tentar demonstrar a superação desta dicotomia foi “corporeidade” (Santin, 2003). No século XX, Merleau-Ponty (1908-1961) apresentou uma concepção de corporeidade quando disse:

O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, **a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento**. Eis por que eles obstruem a consciência e são opacos para a reflexão. (Merleau-Ponty, 2011, p. 342, grifos nossos).

Esse filósofo complementa essa ideia afirmando:

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa **corporeidade**, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das “explicações” naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade. (Merleau-Ponty, 2011, p. 580, grifo nosso).

Desse modo, pode-se identificar dois aspectos centrais ao analisar o debate trazido por Merleau-Ponty. Primeiro, o fato de a corporeidade ser uma comunicação que antecede o pensamento e, segundo, a corporeidade desencadeia, de certo modo, a existência e a sociabilidade subjetiva.

Contudo, no final dos anos 1990, segundo Taborda de Oliveira (2014), professores de Educação Física que atuavam na escola começaram a adotar outra terminologia que, dialeticamente, aproxima-se e afasta-se da compreensão da corporeidade: a corporalidade. Esses conceitos, aparentemente sinônimos, começaram a ser usados ora com similaridade, ora como advindos de teorias diferentes, o que justifica a realização deste estudo.

Este é um trabalho qualitativo, que toma os princípios norteadores da revisão narrativa. O foco deste tipo de pesquisa é “[...] estabelecer relações com produções anteriores, identificando te-

máticas recorrentes, apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento” (Vosgerau; Romanowski, 2014, p. 170). A revisão narrativa tem características próprias.

Como o volume de produção pode ser grande, é usual, além de se estabelecer o campo de pesquisa e o tema pesquisado, definir um período de pesquisa, e estabelecer uma determinada fonte de dados, como artigos de uma determinada revista, teses e dissertações [...], podendo ser desde uma base de dados ampla, como a de dissertações e teses da Capes, ou um pouco mais restrita a uma ou mais revista científica ou a junção de ambos [...]. (Vosgerau; Romanowski, 2014, p. 170).

Nesse caso, a produção selecionada tem vínculo com artigos publicados em periódicos entre 2000 e 2020, haja vista o interesse em situar a produção sobre este tema a partir de quando o conceito de “corporalidade” aparece, ou seja, no final dos anos 1990, e procurando identificar como o conceito se desenvolve até o final da segunda década (2020). Ademais, uma revisão integrativa publicada por Kirsten, Avelar e Baptista (2022) demonstra que existe pouca produção sobre corporalidade em revistas que, segundo o Qualis 2013-2016, estavam nos estratos entre A2 e B2, cerca de seis artigos, sendo o último publicado em 2018.

Outro ponto importante para a seleção dos artigos incluídos era de que tivesse como ponto de reflexão a definição de corporalidade, excluindo textos que não possuíssem essa demarcação. Buscaram-se, ainda, os livros ou capítulos de livros de pesquisadores do campo da educação física brasileira, publicados entre 2000 e 2020, porquanto não foram identificados textos com a construção desse conceito após 2020 no levantamento realizado, que fundamentassem o conceito de corporalidade. Também foram excluídos do corpus deste estudo as dissertações e teses. Nos periódicos analisados, foram desconsiderados os editoriais, resenhas, textos que apresentassem alguma forma de projeto ou grupos de pesquisa. Neste trabalho, selecionamos quatro artigos que enten-

demos que demonstram a discussão que vem sendo feita sobre corporalidade, bem como, procuramos defini-los paradigmaticamente, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos selecionados de acordo com os autores, títulos, periódicos e paradigmas identificados

Autores	Título	Periódico	Ano	Paradigma
Almeida, M. V. de.	O corpo na teoria antropológica. O corpo na teoria antropológica	Revista de Comunicação e Linguagens	2004	Materialismo Dialético
Féres-Carneiro, T.; Naves, J. O. de V.	O eu na obra de Freud e a corporalidade.	Psicologia USP	2007	Pós-Moderna
Silva, A. M.	Entre o corpo e as práticas corporais.	Arquivos em Movimento (UFRJ Online)	2014	Fenomenologia
Taborda de Oliveira, M. A.; Oliveira, L. P. A. de; Vaz, A. F.	Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física	Pensar a Prática	2008	Materialismo Dialético

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

De acordo com a análise paradigmática que foi feita, dois artigos se fundamentam no materialismo dialético, um na agenda pós-moderna e um na fenomenologia. Mais detalhes serão apresentados posteriormente.

Em relação aos capítulos de livro, foram selecionados textos publicados por autores que vem fazendo essa discussão, e que nem sempre estão disponíveis para leitura e debate, mas que são importantes para se discutir o tema da corporalidade. Assim, apresentamos estes dados no quadro 2, assim como seus paradigmas, como foi feito no Quadro 1.

Quadro 2 – Capítulos de livro e Livros selecionados para o debate sobre a corporalidade

Autores	Título	Ano	Paradigma
Baptista, T. J. R.; Leal, C. R. A. A.	Diálogos entre a Educação, Educação Física e a saúde pública	2018	Materialismo Dialético

Grando, B. S.	Corpo, educação e cultura: as práticas corporais e a constituição da identidade	2009	Fenomenologia
Silva, A. M.; Silva, A. P. S. Da; Tucunduva, T.	Corpo, cultura e natureza em terras quilombolas	2011	Positivismo

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Assim como, em relação aos artigos, procuramos identificar o paradigma epistemológico dos capítulos. Nestes, analisamos os textos como um relacionado ao positivismo, outro à Fenomenologia e outro ao Materialismo Dialético. Outras análises serão feitas posteriormente.

Foi feita uma análise temática conforme demonstrada por Rosa e Mackedanz (2021). De acordo com os autores, a análise temática apresenta certo nível de flexibilização. Ainda de acordo com esse texto, “[...] a análise temática nos dá a possibilidade de fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas, dentro da análise de dados. Arelado a isso, é importante decidir em que nível os temas deverão ser identificados” (Rosa; Mackedanz, 2021, p. 11).

Assim, o objetivo deste texto é analisar as compreensões de corporalidade em artigos e livros publicados entre 2000 e 2020. Para tanto, foi feita a busca dos textos, em seguida os textos foram lidos na íntegra e, a partir da leitura, procurou-se identificar qual seria a concepção de corporalidade por eles apresentadas. A partir deste ponto, identificaram-se as expressões que ajudavam a explicar a concepção de corporalidade exibida por cada autor.

Destarte, o texto foi dividido em duas seções. A primeira apresenta delimitações e porosidades entre corporeidade e corporalidade e, na segunda, são analisados os dados especificamente sobre a corporalidade.

2. Delimitações e porosidades entre corporeidade e corporalidade na educação física brasileira

Retomando o debate sobre os conceitos, a corporeidade tem sido usada frequentemente na educação física brasileira, sendo esta uma de suas definições:

Compreendemos a noção de corporeidade como sendo a unidade que engloba uma pluralidade de formas ou de existências. Os diferentes corpos são considerados a partir de uma existência própria, embora parcial, quando se entende a corporeidade como unidade [...]. A corporeidade é a unidade na pluralidade das formas, isto é, na pluralidade de numerosos e diversos corpos existencializados. Desse modo, existe como potencialidade, na percepção, na ética, na estética, enfim como criação autopoética permanente. (Nóbrega, 2010, p. 20).

O termo corporeidade é muito usado quando os autores trabalham na perspectiva da fenomenologia, como são os casos de Moreira (1995), Nóbrega (2008, 2009, 2010), Santin (2003), entre outros.

Todavia, existe um outro conceito que vem sendo usado na educação física brasileira, que é **corporalidade**. Como dito antes, segundo Taborda de Oliveira (2014), corporalidade foi utilizado entre professores de educação física escolar com a intenção de superar o corpo em perspectivas biológicas, duais ou mecânicas. Nesse caso, um ponto central é entender a corporalidade como uma totalidade, com ênfase na humanização das relações diversas do ser humano consigo, com outras pessoas e com a natureza.

A definição de corporalidade na educação física foi identificada em alguns artigos, dentre os quais podem ser mencionados os estudos de Ferreira (2018), Machado, Fagundes e Silva (2011), Pereira, Silva e Pires (2009), entre outros, os quais trazem análises interessantes apesar de não terem feito parte do corpus de análise selecionado, sendo usados como aporte teórico para entendermos os conceitos analisados.

Ao contrário de corporalidade, há certo consenso com o conceito de corporeidade a partir da fenomenologia, talvez ele não o seja em outros paradigmas epistemológicos. Do ponto de vista de Kosik (1969), o conceito apresenta características que são fundamentais para as coisas serem compreendidas.

O conceito da coisa é compreensão da coisa, e compreender a coisa significa conhecer-lhe a estrutura. A característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo. A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa (Kosik, 1969, p. 14).

Esse filósofo tcheco demonstra que a apropriação de conceitos pelos pesquisadores é uma ação voltada para o conhecimento da estrutura do objeto. Dessa maneira, este texto tem como preocupação detectar e analisar os usos do conceito de corporalidade na literatura especializada, produzida no campo da Educação Física, procurando romper com a abstração do termo.

É importante destacar que se parte da compreensão de que corporalidade e corporeidade não são sinônimos, divergindo, desse modo, de pesquisadoras e pesquisadores que assumem esse par como intercambiáveis. De acordo com Nóbrega (2010, p. 18), no sentido verificado “[...] em dicionários da língua portuguesa, corporeidade – sinônimo de corporalidade – designa tudo o que é relativo ao corpóreo. O corpóreo, por sua vez, refere-se à existência física, material, palpável, antônimo de espiritual”. O uso desses conceitos como sinônimos também foi identificado na revisão sistemática que Amorim e Scorsolini-Comin (2008) realizaram em periódicos da psicologia. Os autores usaram como unitermos, para a busca nas bases de dados, corporeidade, corporalidade, corporeidade e cultura, corporeidade e dialogismo, além de termos em inglês, como *corporality*, *corporeality*, *embodiment*, entre outros. Nas conclusões, os autores afirmam:

Um ponto de surpresa refere-se à ausência de uma clara definição de corporeidade. Os trabalhos recuperados tra-

zem a concepção de modo diluído em seus pressupostos de base, deixando subentendida a noção adotada, ou seja, não enfocam na necessidade ou na busca de definição dessa noção, apenas utilizando-a com maior ou menor destaque. (Amorim; Scorsolini-Comin, 2008, p. 210).

Por sua vez, Gleyse, Kaneko e Soares (2015) também se debruçaram sobre o debate relacionado ao uso indiscriminado de corporalidade e corporeidade, tomando por base a obra do estudioso francês Jacques Gleyse. Ao longo das discussões apresentadas, os pesquisadores afirmam:

Ao apreciar o propósito deste estudo, Gleyse enuncia que, se, e somente se, é necessário estabelecer lógica de pensamento como opção teórica entre os conceitos de corporeidade e corporalidade, a forma de explicar para caracterizar essa lógica é correlacionar a corporeidade ao verbo e a corporalidade a carne. No entanto, é a observação e análise do cotidiano dos sujeitos que define o corpo em sua expressão e construção: a experiência vivida e tal distanciamento conceitual se reduz à terminologia. (Gleyse; Kaneko; Soares, 2015, p. 70).

Prosseguindo nas reflexões dos autores, a corporalidade se configura na condição mais material do ser humano (a carne), enquanto a corporeidade indica o verbo, isto é, o aspecto imaterial da vida. Na conclusão do texto, eles afirmam que existe um paradoxo terminológico entre corporeidade e corporalidade, pois “[...] há que considerar sua totalidade dimensional e as implicações da prática vivencial. Nessa lógica as terminologias corporeidade e corporalidade não se constituem obstáculo epistêmico para falar do corposujeito (*sic*)” (Gleyse; Kaneko; Soares, 2015, p. 74).

Reconhece-se ser importante concordar não haver um obstáculo epistêmico quanto ao uso dos termos, porquanto o foco deve ser a compreensão da totalidade humana. Esse aspecto de não separação é identificado na revisão feita por Baptista (2022),

quando demonstra que o conceito de corporeidade é identificado em pesquisas fenomenológicas, materialistas dialéticas e do movimento pós-moderno, com predomínio da primeira. No entanto, pretende-se ainda ressaltar alguns aprofundamentos quanto ao uso de “corporalidade”, usado no Brasil pela primeira vez por Taborda de Oliveira (1999), segundo revisão realizada por Kirsten, Avelar e Baptista (2022).

Para concluir, vale destacar que, na compreensão deste texto, a corporeidade se configura como um conceito que compreende o corpo na constituição da subjetividade nas relações com o mundo, enquanto a corporalidade se aproxima da consolidação da subjetividade por meio do trabalho, como forma de metabolismo com a natureza. De um lado, há a aproximação pela constituição da subjetividade, por outro, a corporeidade se diferencia da corporalidade, porque esta última compreende as determinações sociais na sua elaboração. Desse modo, ao se empregar uma palavra ou conceito, ressoam todos os seus sentidos, explícitos e implícitos, atuais e potenciais, insinuando, revelando a concepção e leitura do mundo, passando-se agora à análise específica da corporalidade na literatura.

3. Circunscrevendo a corporalidade na literatura

Nos estudos que acionam o conceito de corporalidade na Educação Física brasileira, vê-se que um dos estímulos para tal emprego foi o desafio pedagógico de docentes que atuavam ou que produziam conhecimento nos anos de 1980. Taborda de Oliveira (2014) verifica que esse estímulo se sustentava na resistência à tradição biológica do corpo. Contudo, em outro texto, esse autor apresenta uma definição específica para o conceito, a primeira identificada na literatura investigada por Kirsten, Avelar e Baptista (2022). Diz Taborda de Oliveira que o

[...] conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização

das relações dos homens entre si e com a natureza estou chamando de corporalidade. A corporalidade se consubstancia na prática social a partir das relações de linguagem, poder e trabalho, estruturantes da [...] sociedade capitalista contemporânea. (Taborda de Oliveira, 1999, p. 131).

Para esse pesquisador brasileiro, a corporalidade é a totalidade de práticas corporais, expressão criativa, comunicação e interação. Esse conceito enfatiza a humanização por meio das relações pessoais consigo, com outras pessoas e com a natureza. Além desse conceito, publicado no final dos anos 1990, pelo corpus do estudo, identificamos outras concepções apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Concepções de corporalidade nos textos analisados

Concepção	Autor
"[...] corporalidade é o protótipo de toda a produção social; a pessoa constituída por uma subjectividade socializada e incorporada é o protótipo de todos os produtos".	Almeida (2004, p. 16-17).
"Na corporalidade, a carne de um, lançada no mundo, se encontra na carne do outro, também lançada, para que re-efetue (<i>sic</i>), na relação, uma troca expressiva e empática, denominada inconsciente, que, sem a base de um corpo subjetivado, não pode se dar como troca e expressão".	Féres-Carneiro; Naves (2007, p. 51).
"[...] corporalidade, entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, como seu meio social e natural. Essas manifestações baseiam-se [...] em um contexto social organizado em torno das relações de poder, linguagem e trabalho".	Taborda de Oliveira; Oliveira; Vaz (2008, p. 306).
"[...] conforme afirma Viveiros de Castro (1987), a corporalidade, como 'ídioma simbólico focal', para as sociedades indígenas sul-americanas, é a referência da noção de pessoa".	Grando (2009, p. 42).
"A corporalidade, [...] pode ser compreendida por essa relação entre o organismo, a perspectiva subjetiva, a cultura e o ambiente natural onde se constitui, marcando a construção das práticas corporais e de suas técnicas corporais de forma indelével. Essa compreensão de corporalidade está em certa consonância com o conceito de 'fato social total', cuja concepção original de Mauss (1974) é aplicável para designar momentos onde se podem perceber as interligações estreitas existentes entre a materialidade, a imaterialidade, entre as dimensões sociológicas, psicológicas e orgânicas da vida humana em sociedade".	Silva, A.M.; Silva, A. P.; Tucunduva (2011, p. 48-49).

<p>“A corporalidade pode ser compreendida como a materialidade corpórea em sua forma dinâmica de expressão humana que ao mesmo tempo é única, individual, porém, em alguma medida, é compartilhada por todos. Com essa compreensão observamos que um conceito encontra-se carregado de intencionalidade como toda ação humana o é, em sua dimensão política. Tem, portanto, um conteúdo de denúncia e de anúncio [...]. A corporalidade é anterior e subjacente a qualquer movimento corporal humano e não é tematizada em nenhum outro campo acadêmico-profissional, seja nos âmbitos da saúde, seja na educação formal [...]. A corporalidade parece reunir, tanto numa perspectiva epistemológica quanto na atuação profissional com as práticas corporais, as percepções de corpo, movimento e ambiente de uma maneira substantiva”.</p>	<p>Silva (2014, p. 16-17).</p>
<p>“[...] entendemos esse termo como o processo de expressão do corpo em sua dimensão objetiva, por meio de seu contato com a natureza, ao mesmo tempo, exprimindo a sua perspectiva subjetiva em relação a outros seres humanos. A corporalidade é, desse modo, um processo constituído no contexto histórico das relações sociais contraditórias, mediadas pelas relações de trabalho do modo de produção vigente”.</p>	<p>Baptista; Leal (2018, p. 212).</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A partir dos excertos presentes no Quadro 3, é possível constatar que o imbricamento entre corporalidade e subjetividade é tomado como componente ontológico na relação entre ser humano, natureza, sociedade, trabalho, cultura, linguagem e processos de ensino e aprendizagem. A corporalidade se manifesta por ser uma “produção cultural” (Almeida, 2004), a “carne lançada no mundo” (Féres-Carneiro; Naves, 2007, p. 51) e o “conjunto de manifestações culturais historicamente produzidas” (Taborda de Oliveira; Oliveira; Vaz, 2008, p. 306), como “forma dinâmica de expressão humana [...] única, individual”, mas compartilhada por todos (Silva, 2014), assim como “expressão do corpo em sua dimensão objetiva, por meio de seu contato com a natureza, ao mesmo tempo, exprimindo a sua perspectiva subjetiva em relação a outros seres humanos” (Baptista; Leal, 2018, p. 212). Esta materialidade constitui-se tanto no âmbito da dimensão física como no domínio social quando se olha para esses autores.

Quando se analisa de modo mais detido a maneira como Féres-Carneiro e Naves (2007) analisam a corporalidade, existem elementos que se direcionam para uma perspectiva mais próxima da agenda pós-moderna (Wood, 1995).

Por sua vez, o estudo de Grandó (2009), que se apoia em Viveiros de Castro em uma análise fundamentada no discurso da alteridade, apresenta proximidades com a fenomenologia (Picelli, 2016). Do mesmo modo, a forma de Silva (2014) abordar a corporalidade também apresenta reflexões no bojo da fenomenologia.

Em outra direção, a análise antropológica demonstrada por Silva, A. M.; Silva, A. P. e Tucunduva (2011), inclusive com uma citação direta a Marcel Mauss e à teoria do fato social total, marca uma perspectiva estruturalista, a qual, do ponto de vista deste texto, não se distancia muito da epistemologia positivista.

Acrescenta-se que a corporalidade é constituída na síntese de múltiplas determinações, considerando que as relações objetivas e subjetivas de cada ser humano se consolidam em condições estabelecidas dentro do contexto histórico da existência (Marx, 2008). Afinal, o

[...] contato corporal, [...] como um paradigma de sua posição em relação ao tema da corporalidade e sua relação com a formação: por um lado, um momento arcaico, instância da violência, que deve ser apaziguada [...]. Por outro lado, uma esfera de possível reconciliação com a própria natureza e também com aquela que nos circunda, que se nos materializa nas múltiplas relações sociais [...]: o ambiente, os corpos dos animais, os outros corpos humanos (Adorno, 1997 *apud* Vaz, 2004, p. 42).

Na análise realizada nos textos identificados e apresentados nesta investigação, algumas concepções estão relacionadas com compreensões mais próximas do materialismo dialético, como a perspectiva de Baptista e Leal (2018), de Taborda de Oliveira (1999) e de Taborda de Oliveira, Oliveira e Vaz (2008). Pela produção desses autores, é possível inferir que o materialismo dialético tem sustentado algumas reflexões sobre o corpo, isto é, quando feitas por meio do conceito de corporalidade no campo da Educação Física brasileira, podendo-se olhar melhor para esses temas a partir desse paradigma.

O materialismo dialético sustenta o emprego de corporalidade quando se vai analisar ontologicamente o ser social, como é demonstrado a seguir:

Ao nos pautarmos pela noção de corporalidade, partimos fundamentalmente de uma tradição materialista de entendimento do homem e da sociedade e, por consequência, de suas repercussões sobre a construção de nossa dimensão corporal. Logo, concebemos que são as condições histórico-sociais que definem qualquer forma de expressão humana, sendo, portanto, as circunstâncias objetivas e materiais que determinam aquilo que somos, inclusive corporalmente. (Oliveira; Taborda de Oliveira, 2006, p. 46).

Compreende-se que alguns autores, ao buscarem o termo corporalidade em suas análises, procuram, na elaboração da materialidade da existência humana, contrapor a uma lógica própria da fenomenologia, entendida por alguns deles como idealista (Taborda de Oliveira, 1999; Vaz, 2004; Oliveira; Taborda de Oliveira, 2006; Taborda de Oliveira, 2014; Baptista; Leal, 2018). Taborda de Oliveira (2014) reafirma isso:

[...] essa noção só faz sentido na sua materialidade radical, nas formas de se comunicar (linguagem), de produção da vida (trabalho) e de gestão do interesse público (que envolve poder), formas que dizem respeito à vida em comum, mas que têm alijado da vida política, da dimensão pública, enormes parcelas da sociedade brasileira). Esse diagnóstico a distancia de qualquer noção idealista, inclusive a noção de *corporeidade*, no modo como circulou entre nós, pelo entendimento que muito autores conceberam esse conceito de uma maneira excessivamente abstrata, por vezes até metafísica. Ou seja, corporalidade não é uma maneira diferente de dizer o mesmo. Antes, como noção teórica, pretende refletir, por meio das manifesta-

ções corporais, sobre os problemas que afligem homens e mulheres vivendo em uma sociedade no instante de cada um dos seus encontros com os outros, consigo ou com o mundo no qual partilham as suas experiências. (Taborda de Oliveira, 2014, p. 155-156, grifo do autor).

A corporalidade, na perspectiva próxima do materialismo dialético, pode suscitar:

Em primeiro lugar, a crítica feita por Marx àqueles que tinham pensado a economia política oferece um ponto de grande relevância para pensarmos a corporalidade humana. Atribuir ao trabalho o processo pelo qual o homem, ao mesmo tempo, tem suas potencialidades construídas e limitadas é uma consideração valiosa. Afinal, ela coloca na ação pensada (também socialmente) uma das bases para demonstrar que, entre a materialidade do organismo e as intenções, ideias e valores, existe uma relação dialética de forte imbricamento. (Herold Junior, 2012, p. 22).

Situando-se o diálogo com alguns autores, corporalidade ocasiona uma perspectiva filosófica crítica, como, por exemplo, a da Escola de Frankfurt¹ (Taborda de Oliveira, 2014; Taborda de Oliveira; Oliveira; Vaz, 2008), em textos apoiados nas análises de Adorno e Marcuse, assim como da sociologia crítico-dialética, com fundamentos nos estudos de Marx (Herold Junior, 2012).

Corporalidade, dentro dessa matriz epistemológica – o materialismo dialético – busca a formação e a compreensão da materialidade a partir das relações de trabalho e do conceito em sua essência, na concreticidade, ou seja, síntese de múltiplas determinações, como propõe Marx (2008). Como diz Taborda de Oliveira (1999), elabora-se a radicalidade nas dimensões da linguagem, do trabalho e do poder.

¹ No texto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, escrito por Max Horkheimer, em 1937 (HORKHEIMER, 1983), o autor defende que a teoria crítica da Escola de Frankfurt tem como fundamento filosófico e social o materialismo dialético.

4. À guisa de conclusão ou procurando avançar no debate

Ao concluir este texto, é necessário falar primeiramente sobre a resposta ao seu objetivo geral, o qual se apresenta pelo interesse em analisar a perspectiva epistemológica do conceito de corporalidade em textos da educação física brasileira, publicados entre 2000 e 2020, por meio de uma revisão narrativa como um procedimento de seleção dos textos e da análise temática para discutir os artigos que fazem parte do corpus do estudo.

Nesse aspecto, foi possível identificar que uma parte significativa dos autores que se debruçaram sobre esse conceito o fizera a partir do materialismo dialético, ou de compreensões próximas a isso, por entenderem a materialidade física e social do conceito. Por outro lado, em menor número, também foi possível identificar uma análise próxima ao positivismo/estruturalismo, à fenomenologia e à agenda pós-moderna. Compreende-se, neste texto, que o materialismo dialético parece possuir condições de fundamentar esse conceito (corporalidade), separando-o de uma perspectiva predominantemente fenomenológica da corporeidade.

De acordo com as análises identificadas, enquanto a corporeidade se aproxima do verbo e do idealismo, corporalidade se aproxima da carne e das condições materiais e objetivas da existência, o que as separa como conceitos.

Vê-se que a corporalidade é o corpo lançado no mundo como uma construção cultural dinâmica, em uma dimensão objetiva, sendo, simultaneamente, de caráter individual (subjetivo) e coletivo. Mas é possível ainda inferir que esse conceito pode fundamentar-se na perspectiva do materialismo dialético, considerando a importância desse paradigma para a construção histórica de homens, mulheres e vida humana em sociedade, haja vista que o marxismo é importante para se avançar no debate sobre a corporalidade no campo dos estudos da educação física.

Enfim, este texto sugere debates, inclusive em produções que não foram analisadas detalhadamente aqui, o que se configura

como um de seus limites e sugere a realização de estudos posteriores sobre o tema.

Referências

ALMEIDA, M. V. de. O corpo na teoria antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**, São Paulo, v. 33, p. 49-66, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1884397/mod_resource/content/1/o-corpo-na-teoria-antropologica.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

AMORIM, K. de S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/295/304>. Acesso: 26 fev. 2020.

BAPTISTA, T. J. R. Corporeidade e epistemologia. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 112-135, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8668684>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668684>. Acesso em: 01 out. 2022.

BAPTISTA, T. J. R.; LEAL, C. R. A. A. Diálogos entre a Educação, Educação Física e a saúde pública. *In*: SILVA, Silvio Ribeiro da (org.). **Processos de ensino e aprendizagem e cultura escolar: interação e ação em diferentes abordagens**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018. p. 199-229.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (org.). **Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

FÉRES-CARNEIRO, T.; NAVES, J. O. de V. O eu na obra de Freud e a corporalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 31-54, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000300003>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41927>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FERREIRA, A. L. A. Estrutura e função social da atividade esportiva e o processo de apropriação da cultura: contribuições para a atividade de ensino na educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 295-307, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p295>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2018v30n54p295/37049/197911>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GLEYSE, J.; KANEKO, G. L.; SOARES, M. G. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. **Dialectiké**, Natal, v. 3, n. 2, p. 66-75, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15628/dialektike.2015.3725>. Disponível em <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/3725>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GRANDO, B. S. Corpo, educação e cultura: as práticas corporais e a constituição da identidade. *In*: GRANDO, B. S. (org.). **Corpo, educação e cultura**: práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009. p. 19-51.

HEROLD JUNIOR, C. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 11-35, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462012000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/rTs4LvbGgjRt4kS4VWgTxpP/>. Acesso em 23 jan. 2021.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. *In*: BENJAMIN, W. *et al.* **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 117-154. (Coleção Os Pensadores).

KIRSTEN, M. de L. G.; AVELAR, L. S.; BAPTISTA, T. J. R. O conceito de corporalidade em periódicos da Educação Física brasileira: uma

revisão integrativa. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83645>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1361744>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

MACHADO, R.; FAGUNDES, B.; SILVA, F. W. da. As crianças como autoras da significação da educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 23, n. 37, p. 51-68, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p51>. Acesso em: 06 de jan. 2023.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MOREIRA, W. W. (org.). **Corpo presente**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

NÓBREGA, T. P. da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NÓBREGA, T. P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

NÓBREGA, T. P. de (org.). **Escritos sobre o Corpo**: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação. Natal: Ed. da UFRN, 2009.

OLIVEIRA, L. P. A. de; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Corporalidade, trabalho e técnica: reflexões a partir da filosofia da história de Herbert Marcuse. **Comunicações**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, [s. l.], ano 13,

n. 1, p. 46-57, 2006. Disponível em: scielo.br/j/heduc/a/JpLcKw854SsdNVLXtrfX8zr/?format=pdf. Acesso em: 27 mar. 2022.

PEREIRA, R. S.; SILVA, M. R. da; PIRES, G. de L. Representações de corpo e movimento no ciberespaço: notas de um estudo etnográfico no jogo *Second Life*. **LICERE-Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2009. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2009.874>. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237354>. Acesso em: 03 abr. 2024.

PICELLI, P. O perspectivismo de Viveiros de Castro: proposta de uma nova antropologia. **Revista Alteridade**, Montes Claros, MG, v. 1, n. 2, p. 53-63, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/alteridade/article/view/40>. Acesso em: 06 jan. 2022.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Rideel, 2005.

ROSA, L. S. da; MACKEDANZ, L. F. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, SC, v. 16, e8574, 2021. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>. Acesso em: 20 out. 2023.

SANTIN, S. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento** (UFRJ Online), Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9228>. Acesso em: 01 jul. 2014.

SILVA, A. M.; SILVA, A. P. S. da; TUCUNDUVA, T. Corpo, cultura e natureza em terras quilombolas. *In*: SILVA, A. M.; FALCÃO, José L.

C. (org.). **Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 47-75.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Corporalidade. *In*: GONZÁLES, Fernando J.; FENTERSEIFER, Paulo E. (org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 153-157.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Existe espaço para o ensino de Educação Física na Escola Básica? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, p. 119-135, 1999. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/152>. Acesso em: 30 dez. 2019.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A.; OLIVEIRA, L. P. A. de; VAZ, A. F. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 303-318, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4344>. Acesso em: 05 fev. 2020.

VAZ, A. F. Corporalidade e formação na obra de Theodor W. Adorno: questões para a reflexão crítica e para as práticas corporais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 21-49, 2004. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-54732004000300003&script=sci_abstract. Acesso em: 02 jan. 2020.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 28 ago. 2021.

WOOD, E. M. What is the “postmodern” agenda? An introduction. **Monthly Review**, New York, v. 47, n. 3, p. 1-12, 1995. DOI: https://doi.org/10.14452/MR-047-03-1995-07_1. Disponível em: https://monthlyreviewarchives.org/mr/article/view/MR-047-03-1995-07_1. Acesso em: 09 abr. 2024.

ZOBOLI, F. **Cisão corpo mente**: espelhos e reflexos na práxis da educação física. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.